

Linguística da Enunciação: Uma Herança Saussuriana?

Valdir do Nascimento Flores
Paula Ávila Nunes

Resumo: *this work is based on the principle that Linguistics of Enunciation is tributary of the Linguistics inaugurated by Ferdinand de Saussure. Among the authors in the enunciative field, it is noticeable the existence of a double movement – of conservation and alteration – regarding Saussure. Some questions that deserve to be answered are: is the object circumscribed by the enunciative field compatible with the dichotomy langue/parole? Is the Enunciation a continuation or a rupture with the saussurian thought? How do the saussurian concept operate in enunciative theories?*

Palavras-chave: *Enunciação; epistemologia; estrutura linguística.*

1. Introdução

Este trabalho decorre de uma constatação: a Linguística, em geral, e em especial a brasileira, ainda não promoveu um ajuste de contas com o sistema de pensamento que a instituiu no mundo da ciência do século XX: *o sistema teórico saussuriano*. Essa lacuna é facilmente verificável. Para tanto, basta observar o estranhamento que o recurso a Ferdinand de Saussure provoca, quando isso é feito de forma a sugerir alguma atualidade de sua teoria. Saussure é, normalmente,

Valdir do Nascimento Flores é professor do Instituto de Letras da UFRGS e pesquisador do CNPq. Paula Ávila Nunes é aluna da graduação em Letras na mesma instituição e bolsista FAPERGS.

¹ O que se entende, aqui, como *o sistema teórico de Saussure* é constituído pelo conjunto de três referências: a) o *Curso de linguística geral*; b) os *Escritos de linguística Geral* (2004) – organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler – e c) os *Anagramas* – organizados por Jean Starobinski em *As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure* (1974). No entanto, este trabalho versa preferencialmente sobre o *Curso*.

tido como estranho à contemporaneidade das reflexões² lingüísticas. A referência a ele está quase sempre restrita à história da lingüística.

É suficiente que alguém insista em evocá-lo, que o recupere das clausuras para onde são mandados aqueles que não se curvam à frenética demanda de mudança, para que seja colocado sob suspeita. Estranho destino este de uma forma de pensamento que produziu a fundação de um campo do saber. Estranho destino a Lingüística reservou ao seu fundador.

No entanto, é sempre bom lembrar que a Lingüística, tal como é conhecida hoje, é integralmente tributária do pensamento saussuriano, principalmente, da forma como ele se apresenta no *Curso de lingüística geral*. Talvez seja por isso que J-C Milner (1987) insiste em afirmar: “toda a lingüística é por definição saussuriana” (p.32).

Evidentemente, Milner não quer, com isso, reivindicar filiação da totalidade do pensamento teórico lingüístico a Saussure, mas tão-somente argumentar que Saussure criou as condições para a Lingüística ser vista como unidade, como um campo do conhecimento científico. A visão da língua como sistema de signos – em que um elemento não pode ser definido independentemente das relações que mantém com os demais elementos no sistema – é a base a partir da qual se desenvolveu o pensamento lingüístico que, não por acaso, é chamado de *pós-saussuriano*. A Saussure todos voltam tanto para dele se afastar, quanto para a ele se filiar.

Se o que foi dito anteriormente tem algum fundamento, ou seja, se se pode marcar com Saussure o início do pensamento científico lingüístico e se se admite a atitude corrente, ao menos de alguns, de negar atualidade a Saussure, cabe perguntar: o que resta do “pai da lingüística” hoje? Há unanimidade em torno do esgotamento das teses do fundador? É realmente improvável que o sistema de pensamento, ao menos aquele presente no *Curso de Lingüística Geral*, possa ainda produzir algo novo na análise lingüística? Ou o contrário: admitida a pertinência do que Saussure afirmava, que lugar essa reflexão teria hoje entre as inúmeras e sofisticadas teorias lingüísticas? Ou ainda: Saussure está presente em alguma teoria lingüística da atualidade?

Tais indagações circunscrevem um domínio de reflexão epistemológica que, com certeza, não se esgota em um texto. Logo, o recorte se impõe. De nosso ponto vista, pretendemos formular uma resposta apenas para a última questão. Em outras palavras, a idéia é verificar se cabe pensar que Saussure está constitutivamente presente em teorias lingüísticas recentes.

² Certamente que não se desconhece que, nos últimos tempos, motivados pela descoberta de anotações de Ferdinand de Saussure e por trabalhos reinterpretem Saussure, os lingüistas têm demonstrado maior preocupação em reler o autor.

Fazemos isso a partir do princípio segundo o qual a *Lingüística da Enunciação*, entendida como um campo³ que reúne diferentes teorias da enunciação⁴, é tributária do sistema conceitual saussuriano formulado no *Curso* sem, contudo, resumir-se nele, já que é responsável pela produção de um novo operador (e conseqüentemente de novos axiomas): a enunciação.

Para explicar a forma como aqui é vista a relação entre o pensamento de Saussure e o campo da enunciação, o trabalho está, a seguir, estruturado de maneira a dar conta de três perguntas norteadoras:

- 1ª) o objeto circunscrito pelo campo da Enunciação é compatível com a dicotomia língua/fala? (cf. item 1);
- 2ª) Como operam os conceitos saussurianos em teorias enunciativas? (cf. item 2);
- 3ª) A Enunciação é uma continuidade ou uma ruptura relativamente ao pensamento saussuriano? (cf. item 3).

Enunciação, língua e fala: o campo da enunciação é uma sobra do curso de lingüística geral?

Há quem considere que a Enunciação é o que “sobrou” inconcluso no *Curso de lingüística geral*.⁵ Em favor disso, normalmente, lembra-se Bally e Sechehaye

³ Utilizamos, como se verá, a palavra *campo* em construções do tipo *campo enunciativo*, *campo da enunciação*, *campo da lingüística da enunciação*, entre outros, inspirados por Jacqueline Authier-Revuz que assim procede em *Ces mots qui ne vont pas de soi: boucles réflexives et non-coïncidence du dire* (1995). A autora fala em “balisages dans le champ du métalinguistique” (p. 3) e em “balisages dans le champ énonciatif” que traduzimos por “balizagens no campo do metalingüístico” e “balizagens no campo enunciativo”, respectivamente. A autora, inclusive, intitula um texto usando a palavra *campo* de maneira muito próxima a que fazemos aqui. Trata-se do excelente *Psychanalyse et champ linguistique de l'énonciation: parcours dans la méta-énonciation*, publicado por ocasião do Colloque international de Cerisy-La Salle (1998), *Linguistique et psychanalyse*, sob a direção de Michel Arrivé e Claudine Normand.

⁴ São aqui consideradas como pertencentes à Lingüística Enunciativa teorias como a Estilística de Charles Bally, as teorias dos *embranchés* e das funções da linguagem de Roman Jakobson, a Teoria da Enunciação de Émile Benveniste, a teoria da argumentação na língua de Oswald Ducrot, a teoria das operações enunciativas de Antoine Culioli, os estudos de Catherine Kerbrat-Orecchioni, a reflexão sobre a transparência e a opacidade de François Récanati, as não-coincidências do dizer de Jacqueline Authier-Revuz, entre outros. Em todos os autores do campo da Enunciação percebe-se uma relação com o pensamento advindo de Ferdinand de Saussure. Evidentemente, não se ignora que tais teorias têm especificidades que as singularizam. No entanto, desde o ponto de vista epistemológico, todas se inscrevem no mesmo movimento de filiação a Saussure. Cf. FLORES; TEIXEIRA. *Introdução à lingüística da Enunciação*. São Paulo, Ed. Contexto, 2005.

⁵ Vale observar que estamos nos referindo à primeira publicação do *Curso de lingüística geral*, a que foi organizada por Bally e Sechehaye e publicada em 1916, sem contemplar nessa incursão as mudanças operadas pela inclusão atual no mercado editorial do *Escritos de lingüística geral*, nem mesmo pelo cotejamento com o que coloca os *Anagramas*. O propósito é mesmo verificar a relação do campo da Enunciação com o *Curso*, como marco que foi de instauração da ciência lingüística.

quando falam da “ausência de uma ‘lingüística da fala’”, no *Prefácio à primeira edição do Curso*.

O fato é que Saussure nomeia uma “lingüística da fala” ao se ocupar da relação entre o campo da lingüística e o da exterioridade, em seu *Curso*. No capítulo 4 da introdução do *Curso*, *Lingüística da língua e lingüística da fala*, Saussure afirma que todos os elementos que integram a fala devem estar subordinados à ciência lingüística. Para ele, “... a língua pode ser comparada a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade.” (Saussure, 1975, p.26). Textualmente, o *Curso* considera que a atividade de quem fala somente poderia ser estudada em um conjunto de disciplinas, cujo lugar não estaria assegurado na Lingüística senão pela relação que mantém com a língua. Por isso, Saussure divide o estudo da linguagem em duas partes: a primeira, cujo objeto é a língua; a segunda, cujo objeto é a parte individual, a fala.

Entretanto, como o projeto desenvolvido no *Curso* parece ser o de estabelecer uma ciência das regularidades, ele exclui a possibilidade de uma articulação entre as duas partes. Conforme Saussure, “cumprir escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo; devem ser seguidos separadamente.” (Saussure, 1975, p.28) [grifo nosso]. Desse prisma, continua Saussure, a definição de língua implica a eliminação de tudo o que seja estranho ao sistema, ou seja, tudo o que pertence à “Lingüística externa.”

A necessidade de escolha não impede Saussure de admitir a importância de estudos dessa natureza, pois as relações da língua com a etnologia, com a história política e com as instituições (igreja, escola, etc.) apenas poderiam, segundo ele, ser contempladas pela “Lingüística externa”. Em testemunho disso há o capítulo 5 da *Introdução do CLG*, *Elementos internos e elementos externos da língua*.

Entendida essa diferenciação, é relativamente difícil sustentar que o campo da Enunciação esteja integralmente contido na idéia de “Lingüística da fala” ou mesmo na de “Lingüística externa”, tangencialmente, formuladas por Saussure. Há na fala, tal como é apresentada no *Curso*, um componente de irregularidade – às vezes nomeado “individual” ou “acidental” – que não se coaduna com a Enunciação. Quando o *Curso* diz que “a linguagem tem um lado individual e um lado social” (p.16), acrescentando que “a fala é um ato individual” (p.22) e que a diferença entre a língua e a fala permite separar o essencial do “que é acessório e mais ou menos acidental” (p.22), há certo afastamento da perspectiva propriamente enunciativa.

⁶ É importante citar aqui Arrivé (1999, p. 37) que considera um erro dizer que Saussure, através da hierarquia língua/fala, exclui do campo da lingüística tudo o que é da ordem da utilização da língua pelo sujeito falante. Para ele, “essa posição é contrariada de modo absoluto pelo *CLG*. Saussure não modifica a hierarquia que estabeleceu entre língua e fala. Até a reafirma com ênfase. Mas toma o cuidado de intitular um capítulo da *Introdução* como ‘Lingüística da língua e lingüística da fala’, sem se deixar deter pela estranha figura quase oximórica da expressão ‘lingüística da fala’: é que aqui o termo *lingüística* deve ser tomado no sentido extensivo de ‘ciência da linguagem’. Por isso, a lingüística é autorizada a encarregar-se dos dois componentes: da língua, sem dúvida, mas também da fala”. E acrescenta Arrivé: “temos aqui, claramente, a instauração da

A Lingüística da Enunciação não estuda “o acessório”, “o acidental”, nem seu objeto circunscreve algo que poderia ser chamado de “o individual”. Émile Benveniste, para dar um exemplo, fala em *aparelho formal de enunciação*, isto é, um dispositivo que as línguas têm que é disponibilizado pela estrutura mesma da língua para a atualização que o sujeito faz do sistema no uso. Portanto, a idéia de *aparelho formal de enunciação* inclui a de língua e a de fala e não se esgota nelas, já que o aparelho seria simultaneamente das duas. Quando Saussure, no *Curso de lingüística geral*, se preocupa em delimitar o objeto da Lingüística, não cremos que, por esse gesto, a “fala” seja “a sobra” destinada aos estudos de Enunciação. Em verdade, tal como há um estranhamento em se recorrer às idéias de Saussure nos dias de hoje, há também um estranhamento, uma inquietude revelada acerca dessa “sobra”. Essa inquietude é normalmente transfigurada no que se chamou de “exclusão”, ou seja, o que Saussure “deixou de fora” com o seu corte, atribuído à exclusão do *sujeito* e da *fala*. Ora, cremos que essa leitura, ainda que pareça válida num primeiro olhar, deixa de lado uma das questões mais importantes para se considerar a obra saussuriana: para ler Saussure, é preciso mergulhar epistemologicamente num tempo em que a Lingüística não era senão comparativista. Isso é de profunda relevância, pois mostra-nos exatamente o ponto que a ciência lingüística emerge. Uma leitura atenta do *Cours* nos mostra que não só Saussure considera a *fala*, mas também tece comentários acerca de *linguagem*, *língua* e *fala*. Sublinhemos esse percurso: Saussure considera os três elementos para que possa estabelecer, enfim, o objeto (a língua) do que a partir dali convencionou-se chamar de Lingüística. Assim, não cremos que tenha havido uma exclusão, mas uma *suspensão* momentânea desses conceitos, em prol da fundação de um método de estudo que se queria científico. E *suspender* e *excluir* são radicalmente diferentes. Ademais, Saussure mesmo nos mostra, à página 27 do *Curso*, que “o estudo da linguagem comporta duas partes, uma essencial [a língua], e uma secundária [a fala]”. Ora ser secundária é ser relevante, ainda que não no mesmo patamar de equivalência. Com isso, vimos que o pensamento saussuriano não se resume apenas à língua, mas vai muito além dela. Prova do alcance das idéias do mestre pode ser vista, a título de ilustração, em algo que se

lingüística da enunciação, sob o nome de lingüística da fala” (p. 37). Concordamos parcialmente com o raciocínio de Arrivé, em especial, quanto à importância dada por Saussure ao estudo da fala. No entanto, não cremos que a lingüística da enunciação, nos termos em que a estamos definindo, possa ser, integralmente, associada à idéia de lingüística da fala presente em Saussure. Talvez isso seja possível para algumas teorias da Enunciação, como por exemplo, a teoria dos *shifters* de Roman Jakobson e mesmo alguns pontos da estilística de Charles Bally. Porém, tal assimilação adquire contornos mais duvidosos quando pensamos em teorias como a de Jacqueline Authier-Revuz e como a de Antoine Culioli.

⁷ É interessante notar que o “corte” saussuriano é tema de controvérsias ao longo da literatura especializada. Há, inclusive, os que defendem ser um aspecto mítico. Sobre isso, ler o capítulo “O corte saussuriano”, em Dosse (1993).

poderia chamar de “uma intuição enunciativa de Saussure”. É o caso do célebre exemplo que introduz o capítulo III da segunda parte, *Identidade, realidade, valores*. Nele, Saussure, como sugere o título, preocupa-se em definir a unidade de análise da lingüística e diz:

Quando, numa conferência, ouvimos repetir diversas vezes a palavra *Senhores!*, temos o sentimento de que se trata, toda vez, da mesma expressão, e, no entanto, as variações do volume de sopro e da entonação a apresentam, nas diversas passagens, com diferenças fônicas assaz apreciáveis quanto as que servem, aliás, para distinguir palavras diferentes (cf. fr. *pomme*, ‘maçã’, e *paume*, ‘palma’, *goutte*, ‘gota’ e *je goute*, ‘eu gosto’, *fuir*, ‘fugir’, e *fouir*, ‘cavar’ etc.); ademais, esse sentimento de identidade persiste, se bem que do ponto de vista semântico não haja tampouco identidade absoluta entre um *Senhores!* e outro... (*Curso*, 1975, p. 125-126)

Parece, então, possível insistir que a dicotomia língua/fala receba outro estatuto no campo da Enunciação, qual seja, o de superação da dicotomia em favor de uma idéia de estrutura que comporte sua atualização. Trata-se não mais de opor a língua à fala, mas de ver que a língua comporta a fala e vice-versa. E talvez isso esteja, mesmo que de forma embrionária, no próprio *Curso* em passagens como a citada acima e quando aborda as relações sintagmáticas como pertencentes ao discurso, no capítulo V da *Segunda parte*.

Em linhas gerais, talvez tenha sido precisamente essa realinhamento das noções de língua/fala que Benveniste tenha feito a partir da leitura do *Curso*. Se Saussure concedia à língua um *status* de maior relevância para os estudos, em detrimento da fala, Benveniste coloca de novo na ordem do dia a segunda, ao conceber que “não há um único aspecto da linguagem que seja um dado fora dos outros e que se possa pôr acima dos outros como anterior e primordialmente existente”. É o próprio Saussure que autoriza este olhar, ao conceber a língua e a fala como dois planos constituintes da linguagem. A Enunciação busca, poderíamos dizer, exatamente ser uma Lingüística da linguagem, pois, ao incluir no seu escopo ambas língua e fala, inclui-se também linguagem.

Admitido esse raciocínio, o objeto da Lingüística da Enunciação aparece como não redutível à língua como sistema, mas também não identificado à fala como o uso individual do sistema. As categorias de tempo, espaço e pessoa, por exemplo, não são elementos que se somam à língua, mas que a constituem sem, no entanto, existirem independentemente do uso que se faz delas. Flores; Teixeira (2005) defendem que há, sim, vinculação da Lingüística da Enunciação, quanto à formulação do objeto de estudo, à dicotomia saussuriana língua/fala, sem, contudo, haver identificação completa: os fenômenos estudados nas teorias da enunciação pertencem à língua, mas não se encerram nela; pertencem à fala à medida que só nela e por ela têm existência, questionam a existência de ambas, já que emanam das duas e são, em última instância, fenômenos de linguagem.

O campo da enunciação comporta a noção de estrutura?

Do que foi dito acima, facilmente podemos concluir que a Lingüística da Enunciação conserva muitos aspectos oriundos da lingüística saussuriana, e o principal deles é, sem dúvida, a noção de *sistema*, chamada estrutura pelos pós-saussurianos. Todos os lingüistas da Enunciação subscrevem a idéia de que a língua comporta uma *estrutura*. A palavra *estrutura* é sobejamente utilizada na literatura da área.

Oswald Ducrot perfila-se entre os que mais a utiliza. Nele, há expressões como “estrutura da enunciação” (cf. Ducrot, 1984, p. 386), há os capítulos *Structuralisme, énonciation, communication (à propos de Benveniste et Prieto)* (cf. Ducrot, 1989, p. 149-164) e *Estruturalismo, enunciação e semântica* (cf. Ducrot, 1987, p. 63-88), há também o livro *Logique, structure, énonciation: lectures sur le langage* (1989), entre outros. Authier-Revuz fala em um pensamento “neo-estruturalista” (Authier-Revuz, 1998, p. 16). Benveniste a todo o momento remete seu pensamento às bases da Lingüística estrutural, procedimento este também visível em Charles Bally e Roman Jakobson.

Nesse caso, pode-se dizer que a Lingüística da Enunciação é estruturalista? Ou ainda: usar a palavra *estrutura* que advém da idéia saussuriana de *sistema* implica dizer que o campo da Enunciação é *estruturalista*? Observe-se o que dizem a respeito alguns dos maiores conhecedores do assunto.

Jean Dubois (1969)⁸ considera que a oposição entre o texto e sua estruturação se refere basicamente a dois aspectos do Estruturalismo: o princípio de que o funcionamento da linguagem se assenta sobre as estruturas; o princípio de que o texto manifesta a estrutura que pode ser estudada na imanência dos enunciados. Isso posto, Dubois se pergunta sobre a função da dupla enunciado/enunciação no escopo do Estruturalismo. Destacam-se, para ele, duas funções:

⁸ Com o destaque às palavras *sistema* e *estrutura* não se está querendo igualar uma à outra. Sabe-se que Saussure utilizou apenas três vezes a palavra *estrutura*, dando preferência ao termo *sistema*. A este respeito vale a autoridade de um grande lingüista, diz Benveniste:

O princípio da ‘estrutura’ como objeto de estudo foi afirmado, um pouco antes de 1930, por um pequeno grupo de lingüistas que se propunham reagir contra a concepção exclusivamente histórica da língua (...). Todos concordam em que esse movimento tem sua origem no ensinamento de Ferdinand de Saussure, tal como foi recolhido pelos seus alunos e publicado sob o título de *Cours de linguistique générale*. Chamou-se Saussure, com razão, o precursor do estruturalismo moderno. Ele o é, seguramente, exceto num ponto. É importante notar, para uma descrição exata desse movimento da idéias que não se deve simplificar, que Saussure jamais empregou, em qualquer sentido, a palavra *estrutura*. Aos seus olhos a noção essencial é a de *sistema*. (Benveniste, 1988, p.98).

⁹ Jean Dubois, *Énoncé et Énonciation*. Langages. Paris, Didier/Larousse, 1969, n.13.

- a) A enunciação como o engendramento de um texto por um sujeito que se submete às regras da estrutura. Nesse caso, valoriza-se a idéia de enunciado, uma vez que ele refletiria o processo da enunciação em sua totalidade;
- b) A enunciação como o impacto do sujeito no texto. É o caso da noção jakobsoniana de *shifters*, ou seja, pontos perceptíveis do sujeito no texto. Nesse caso, o *shifter* seria um elemento que, pertencente à estrutura lingüística, indicaria outra forma de analisar a enunciação.

Vale somar às idéias de Dubois o raciocínio de Fuchs (1985), para quem:

as relações entre Teorias da Enunciação e teoria (em particular estruturalistas) do signo não são claras. Ora opõem-se categoricamente as duas perspectivas como antinômicas, ora, ao contrário, vê-se na Enunciação uma espécie de prolongamento do Estruturalismo. O que acontece, em todo caso, é que um certo número de autores participam, de fato, das duas correntes teóricas, mesmo se, como Benveniste, eles continuam opondo-as como duas técnicas que se aplicam a níveis diferentes da análise lingüística. É, sem dúvida, Guillaume que, a seu modo, articula, mais sutilmente, as duas perspectivas e, através dele, todos os autores que trabalham com a noção de 'valor central' em língua, suscetível de receber certo número de 'valores secundários' ou de 'efeitos' segundo as circunstâncias enunciativas (cf. Culioli, Pottier, Ducrot). (p.122)

Portanto, em resposta à pergunta que intitula este item, cabe dizer que a noção de estrutura é importante para os estudos de Enunciação, mesmo que a de *estruturalismo* não seja integralmente abrigada no campo. Em outras palavras, *estruturalismo* é um termo que tem inúmeros sentidos,¹⁰ difíceis de precisar, que não se limitam ao escopo dos estudos da linguagem.

Por um lado, como bem lembra Prado Coelho (1967), "falar de estruturalismo implica, (...), um conhecimento aprofundado do desenvolvimento teórico da etnologia, da psicanálise, da lingüística, do materialismo histórico, da sociologia, etc., que nos permita elaborar conceptualmente a *diferença* que, na linha evolutiva dessas ciências ou pseudociências, o 'estruturalismo' introduziu." (p. VIII).

Por outro lado, François Dosse, em *História do estruturalismo* (1993), apesar de falar em diferentes tipos de estruturalismos, em diferentes esferas do conhecimento, adverte que para além das

diferenças, pode-se identificar uma comunidade de linguagem e de objetivos que dá, por vezes, a impressão de se ler o mesmo livro apesar das variações de estilo e de disciplina que separam um Barthes, um Foucault, um Derrida, um Lacan... O estruturalismo terá sido a *koiné* de toda uma geração intelectual,

¹⁰ A respeito disso, vale lembrar que Dosse (1993), em seu livro sobre a história do Estruturalismo, defende que não há Estruturalismo, mas Estruturalismos, no plural.

mesmo que não exista solidariedade de doutrina e menos ainda de escola ou de combate entre seus diversos representantes. (p. 17)

Em resumo, falar em enunciação é falar em estrutura, porque os autores que integram o campo da enunciação consideram a estrutura lingüística no desenvolvimento de seus trabalhos. Vale ressaltar, porém, que ao mesmo tempo em que há a conservação desse princípio, há transformações importantes. No caso da lingüística da enunciação, deve ser lembrado que o próprio conceito de estrutura passa a ser objeto de reconceituação, uma vez que, no contexto teórico dos estudos da enunciação, a estrutura comporta um sujeito que enuncia, portanto, deixa de ser sinônimo de repetição – tal como fora interpretado em algumas perspectivas imanentistas.

É isso que Émile Benveniste quer dizer ao propor a noção de *aparelho formal da enunciação*: a língua, como sistema que é, tem em sua organização (estrutura) um aparelho formal que possibilita ao sujeito enunciar nessa língua.

O aparelho (indicadores de subjetividade, tempos, modos, etc.) como tal pertence à língua, mas seu uso é dependente da enunciação a qual, por sua vez, supõe sujeito. Ou seja, o conceito de enunciação está ligado ao princípio da generalidade do específico.

Em outros termos: o "aparelho formal da enunciação" é, a um só tempo, geral – uma vez que é inerente a todas as línguas – e específico. A especificidade se apresenta em dois planos distintos e interligados: a) no plano das línguas, já que cada língua tem o seu aparelho; b) no plano do sujeito, já que, para este, o aparelho é sempre único a cada instância de uso (tempo e espaço). Assim, a enunciação é um conceito, a um só tempo, universal e particular. Isso pode receber a seguinte formulação axiomática: *é universal que todas as línguas tenham dispositivos que permitam sua utilização singular pelos sujeitos; é particular a configuração desses sistemas e o uso que os sujeitos fazem deles.*

Enunciação: continuidade ou uma ruptura?

Em resposta a tal questão, importa lembrar que, entre os autores do campo enunciativo, o que se percebe é a existência de um duplo movimento – de conservação e alteração – relativamente a Saussure. Observem-se alguns exemplos iniciais: Émile Benveniste, normalmente considerado o primeiro a lançar as bases do tratamento enunciativo da linguagem, diz:

Quando Saussure introduziu a idéia de signo lingüístico, ele pensava ter dito tudo sobre a natureza da língua: não parece ter visto que ela podia ser outra coisa ao mesmo tempo, exceto no quadro da oposição bem conhecida que ele estabelece entre língua e fala. **Compete-nos ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante** (PLG II, p. 224). [grifo nosso]

Oswald Ducrot (1987), desde muito cedo em sua teoria da argumentação na língua, afirma, em texto intitulado *Estruturalismo, enunciação e semântica*, que “a descrição semântica de uma língua, considerada como conjunto de frases ou de enunciados, não só não pode ser acabada, como não pode ser empreendida de forma sistemática, se não mencionar, (...), certos aspectos da atividade lingüística realizada graças a essa língua”. E acrescenta: “Se utilizarmos, para exprimir tal tese, a terminologia saussuriana tradicional, seremos levados a afirmar, (...), que **uma lingüística da língua é impossível se não for também uma lingüística da fala**” (p. 63). [grifo nosso] É possível, então, que a Lingüística da Enunciação seja uma tentativa de equacionar ambas.

Em suma, continuidade ou ruptura com Saussure? Antes de responder, lembremos Foucault, para quem o Estruturalismo não poderia ser visto como um método novo mas como a consciência despertada e inquieta do saber moderno. Da mesma forma, cremos que a Enunciação não é, em si, um método novo, mas um olhar antigo guiado por questões e necessidades novas. Se isso é uma continuidade ou uma ultrapassagem do pensamento saussuriano, ainda é difícil delimitar, mesmo que as possibilidades existam e estejam aí para aqueles que quiserem ver. Porém, uma coisa é certa: independentemente do vínculo que o campo da Enunciação tem com Saussure¹¹, as teorias da Enunciação constituem um novo objeto. Este novo objeto tem um nome: enunciação.

Bibliografia

- ARRIVÉ, M. Linguagem e psicanálise, lingüística e inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BENVENISTE, E. Problemas de Lingüística Geral I. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- BENVENISTE, E. Problemas de Lingüística Geral II. Campinas, SP: Pontes, 1989.

¹¹ Para saber sobre as relações entre Saussure e Bally ver: Sylvie Durrer, Introduction à la linguistique de Charles Bally. Paris, Delachaux et Niestlé, 1998 (em especial o capítulo *Bally, hériter de Saussure ou de Bréal?*; entre Saussure e G. Guillaume ver: André Dedet. La référence à Saussure chez G. Guillaume, em Michel Arrivé e Claudine Normand (org.), Saussure aujourd'hui. Colloque de CERISY, Paris, Numéro Spécial de LINX, 1995. p. 461-468. Entre Saussure e Benveniste ver: Claudine Normand. Benveniste: une linguistique saussurienne de la signification, LINX n° 26, pp. 49-75, CRL Université de Nanterre. Entre Saussure e Jakobson ver: Françoise Gadet. Jakobson sous le pavillon saussurien em Michel Arrivé e Claudine Normand (org.), Saussure aujourd'hui. Colloque de CERISY, Paris, Numéro Spécial de LINX, 1995. p. 449-460. Sobre as bases do modelo de Culioli ver: Catherine Fuchs e Pierre Le-Goffic. Linguistiques contemporaines. Paris, Librairie Hachette, 1975 (em especial o capítulo 13)

- COELHO, Eduardo Prado. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos. (1967). In: Estruturalismo: antologia de textos teóricos. São Paulo: Martins Fontes.
- BOUQUET, S. Introdução à leitura de Saussure.. São Paulo, Cultrix, 2000.
- CULIOLI, A. Pour une linguistique de l'énonciation. Paris: OPHRYS, 1990.
- DOSSE, F. História do estruturalismo I: o campo do signo, 1945/1966. São Paulo: Ensaio, 1993.
- _____. História do estruturalismo II: o canto do cisne, de 1967 a nossos dias. São Paulo: Ensaio, 1994.
- DUBOIS, J; SUMPF, J. (orgs.). Langages. Paris: Didier/Larousse, 1969. n°13.
- FLORES, do Nascimento V. Lingüística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1999.
- _____. Ler Saussure hoje: o Curso e os Anagramas. In: Nonada Letras em Revista. Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, n. 6 (p. 43-60), 2003.
- _____. A lingüística de Ferdinand de Saussure, a psicanálise de Jacques Lacan. In: Correio da APPOA. Associação Psicanalítica de Porto Alegre: Porto Alegre, n. 131, dez. 2004.
- FUCHS, Catherine. As problemáticas enunciativas: esboço de uma apresentação histórica e crítica. Alfa. UNESP, SP: 1985. (p. 111-129).
- MILNER, J. C. O Amor da Língua. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- NORMAND, C. Os termos da Enunciação em Benveniste, IN: OLIVEIRA, S (etali) O falar da Linguagem. São Paulo: Editora Lovise, 1996.
- NORMAND, C. Saussure. Paris: Les belles lettres, 2000.
- _____. CLG: une théorie de la signification?. In: _____. La quadrature du sens. Paris: PUF, 1990.
- SAUSSURE, F. de. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. Escritos de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 2004.
- STAROBINSKI, J. As Palavras Sob as Palavras: os anagramas de Ferdinand Saussure. SP: Perspectiva, 1974.